Orientação e seleção profissional *

LOURENÇO FILHO

Uma aula inaugural deve conter um pouco de prefácio e um pouco de índice — duas coisas úteis, algumas vêzes, mas, por sua natureza, enfadonhas. O prefácio é uma justificação, e tôda justificação supõe a dúvida, a imprecisão, a impropriedade. O índice é uma série de rótulos, enumeração mais ou menos árida e que só se torna perfeitamente inteligível após a leitura total do volume. Pretende-se que êsses ingredientes disponham os leitores à leitura, e, quando aplicados a uma aula inaugural, os estudantes, ao estudo, tarefas sempre agradáveis na teoria, se bem que não o sejam sempre na prática.

Em relação a êste curso de formação de psicotécnicos, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, estou certo de que o estudo será agradável, motivo pelo qual o prefácio pode ser breve. E, antes de tudo, porque está o curso entregue à direção de um grande mestre, que é o eminente Professor Mira y López, dos maiores especialistas contemporâneos na

* Aula inaugural do curso de formação de psicotécnicos para orientação e seleção profissional, da Fundação Getúlio Vargas, em 1948. Inédito no Brasil.

matéria. Depois, porque a Fundação tem como um de seus objetivos principais a preparação de pessoal para as tarefas de organização e de administração, e, nessas tarefas, os problemas de adequação recíproca entre o trabalhador e o trabalho, apresentam-se como de fundamental importância. A preparação de especialistas em seleção e orientação profissional é assim como que decorrência natural das funções da própria entidade que promove o curso, e que tem por assentado que a assistência de psicotécnicos às emprêsas, ou outras organizações de trabalho, seja uma das condições de eficiência, ou de mais alto rendimento em sua produtividade. Decidindo-se a preparar elementos hábeis para o desempenho dessa assistência, só aplausos pode merecer, portanto, a Fundação, e, por essa iniciativa também o seu ilustre presidente, Dr. Luiz Simões Lopes, que com ela e com o Instituto de Organização e Seleção, está prestando mais um grande serviço às questões de administração em nosso país e como continuando, nesse particular, a obra do DASP.

Mas, como irá a Fundação preparar êsses psicotécnicos? Aqui vem o índice; o índice que resulta da inspeção das diferentes disciplinas e atividades do programa do curso.

Na verdade, a denominação de psicotécnica é nêle adotada um pouco por amor à brevidade, um pouco talvez também por homenagem aos que, por primeiro, indagaram dêsses complexos problemas e cuidaram de lhes dar solução, os psicologistas experimentais. O têrmo foi criado pelos alemães. Transplantou-se à América por Munsterberg, professor em Harvard, que o definiu como "a ciência da aplicação prática da psicologia (e da psicologia científica, fazia êle questão de dizer) ao serviço de tarefas culturais". Vêde como os conceitos se transformam. Mais tarde, a Associação Internacional de Psicotécnica, por sua comissão de terminologia, propôs que ela se definisse um pouco ao inverso, como "a aplicação dos métodos da psicologia experimental à realização de fins práticos, em tôdas as esferas da vida humana, individuais ou sociais". O pequenino, mas bem feito dicionário de psicologia de English a define, com mais largueza talvez, quando diz que é "a aplicação dos princípios da psicologia ao contrôle de comportamento, especialmente para fins práticos".

Os domínios de aplicação podem ser, portanto, os mais diversos. Pode-se falar numa psicotécnica da educação, como na de medicina, do trabalho, como do comércio, e, mais, especificadamente, de uma psicotécnica didática, de uma psicotécnia de orientação profissional ou da seleção, de uma psicotécnica da compra e venda, ou de uma psicotécnica da propaganda dos sabonetes. A essência da idéia está na aplicação de princípios relativos ao comportamento humano a fins práticos, ou a técnicas operatórias a que a compreensão psicológica forneça elementos de precisão.

O curso que agora se abre é sem dúvida alguma, na maior parte, de aplicação psicológica, de psicotécnica do trabalho: e, nessa, apenas uma parte dela, aquela que encara os problemas da orientação e seleção, e que reclamam, diga-se também, mais que psicólogos.

Ainda assim, inclui o estudo de uma das partes mais vivas e interessantes da psicologia aplicada, e que, na verdade utiliza as duas grandes formas das atividades em que se desdobra. Há duas grandes categorias de problemas, lembra Pifron, que as atividades psicotécnicas se apresentam: ou se trata de utilizar, de modo preciso, em casos concretos, mais ou menos bem definidos, os dados e leis gerais que a indagação científica apresente, tal como o engenheiro, que, fundado na física, cuida da construção de uma ponte, em certo lugar e com determinado material; ou, em outra hipótese, trata-se de comparar, nos indivíduos, certas características, para utilização prática, e que reclamará a hierarquização de tais atributos, exatamente como o engenheiro faz, quando examina e compara os diferentes tipos de material, que devam ser utilizados numa construção determinada.

Num grande número de casos, no entanto, tanto a adaptação de leis e princípios gerais a questões concretas, quanto a diferenciação dos indivíduos, ocorrem simultâneamente. E, ainda, não será tudo. Em nenhum caso de solução de problemas humanos, a psicotécnica parece-nos suficiente por si só. Talvez se possa dizer, em apoio da psicologia, que nenhum problema humano pode hoje prescindir de seus conhecimentos; mas o certo é que, em face de determinado problema concreto, por si só, ela nada resolve. Representa elemento necessário, mas não suficiente.

Esta conclusão é a que havemos de tirar de nosso próprio índice, ou seja, das diferentes disciplinas e técnicas do curso. São quatro trimestres compactos, em aulas teóricas, demonstrações práticas, seções de trabalho e seminários. Inicia-se com o que poderíamos chamar de disciplinas instrumentais, aquelas que visam proporcionar a *lexiologia,* ou a linguagem mesma dos estudos: a psicologia experimental, a fisiologia do trabalho humano, a bio-estatística, o mercado de trabalho. Há aí, uma definição geral de fundamentos, senão já a fixação de um *sistema de referências* — visão de um universo limitado, que se toma como ponto de partida, para futura extensão do trabalho.

Pretende-se basear o curso em conhecimentos objetivos, ou próprios da ciência. O adjetivo *experimental,* aplicado à psicologia, aparece como advertência, impondo a consideração de um método e de procedimentos por êle reconhecidos como idôneos. O têrmo se aplica em posição a uma psicologia subjetiva, ou de natureza puramente conceitual, ou filosófica; indica que se quer analisar o comportamento humano, reconhecendo-se nêle situações típicas, em antecedentes e conseqüentes, nos quais descubramos fatôres determinantes; e ao referir-se a essas situações e respostas, deseja também definir a interação dos fatôres a que estejam relacionados.

Por isso mesmo, terá de apoiar-se, em parte ao menos, em problemas de fisiologia e, no caso especial do curso, nos da fisiologia aplicada ao trabalho, que é a segunda disciplina. Como relembra Boring, a psicologia iniciou o seu desenvolvimento com as indagações psicológicas que se criaram dentro da filosofia; e tornou-se experimental, justamente porque apareceram indagações fisiológicas, dentro da psicologia. E, na realidade,

assim foi. Sòmente quando pesquisadores de outros campos da biologia começaram a discernir nêles os elementos do comportamento, foi que a psicologia iniciou a sua marcha para o terreno da objetividade, tendendo a transformar as descrições qualitativas, em que se comprazia, em mais rigorosas análises da intensidade das condições de cada operação e de seus efeitos, ou seja, em descrições de ordem quantitativa. Foram os trabalhos de Helmholtz, de Hering, de Fechner, fisiologistas todos, que prepararam o grande surto experimental a que se devia ligar o nome de Guilherme Wundt, êle próprio autor de uma *psicologia fisiológica.*

Dentro em breve, ver-se-ia, porém, que as medidas singulares dos fatos da psicofísica já não bastariam; ou, melhor, que êsses mesmos dados exigiriam descrição quantitativa, não mais em têrmos de fatos isolados, mas, sim, em contraste com *massas de fatos,* diante das quais, e só diante das quais, ganharam real significação prática. Normas de medidas para o mundo físico (e, reconhece-se que, ainda para êste, apenas no estudo elementar) podem ser fixadas por mera convenção. No mundo biológico, as cifras obtidas não têm maior valor senão quando traduzidas nos graus de uma escala, que resulte de aferição precisamente estabelecida. Foram mesmo biometristas e psicometristas que iniciaram a resolução de tais problemas, que não haviam dantes atraído, suficientemente, a atenção dos matemáticos: e bastará lembrar Pearson, discípulo direto de Galton, Spearman, e mais recentemente, Thurstone.

Quatro grandes questões resultaram dessa direção de estudos no sentido da descrição e da interpretação estatística: duas de caráter geral, e que são as de determinação do valor representativo dum grupo de medidas e a determinação de seus índices de dispersão; e duas outras, de especial importância na indagação psicológica, e que são as de unificação de escalas heterogêneas e da avaliação da variação concomitante de duas ou mais séries de medidas.

Daí, o importante papel de estatística neste curso. Ela aparece, no 1.º trimestre, ainda sob a designação modesta de *noções de bio-estatística,* sem as quais nenhuma compreensão poderá haver da mais simples observação experimental, e não só para a psicologia, mas para qualquer campo de estudo. O trabalho real de experimentar não emerge de uma experiência, nem de simples experiência pessoal, em cada um de nós. Dessa forma de experimentar resulta o *empírico,* têrmo que procede, aliás, da mesma raiz; o *experimental* resulta de séries ordenadas de experimentos, sob condições controladas, para o fim da descrição de fatos e pesquisa de suas relações.

Só o confronto de dados quantitativos, numerosos, aperfeiçoa a noção de dependência, e, portanto, nos habilita a intervir na produção e na direção de fatos, com maior compreensão da probabilidade com que êles possam ocorrer. Como já observava Stuart Mill, a causa real de um fenômeno reside em todo o conjunto de seus antecedentes, ou seja, em linguagem estatística, no complexo de suas variáveis. Sòmente pela teoria dos erros é que chegaremos, por isso mesmo, a estabelecer a direção

necessária para a própria descrição inicial; e só por ela também, com apoio nos dados da experimentação, é que podemos demonstrar quando uma variação deixa de ser provável, isto é, em que limites tem ela probabilidade de realizar-se.

A lexiologia do curso não estaria completa, no entanto, se, ainda no trimestre inicial não se encarassem as realidades do mercado de trabalho. Os estudos visam aqui a esclarecer os problemas da adaptação do homem ao trabalho, pela seleção, e a adaptação do trabalho ao homem, pela orientação. Pois bem. O trabalho não é uma abstração, ou entidade que por si mesmo se define. É uma realidade da vida coletiva, atende a necessidades sociais, tem preço, regula-se por oferta e procura... O estudante há de ter presente essa realidade.

Como se apresentará o trabalho, em que formas e em que tipos de atividades, em que relações de análise possível, com os elementos que já se hajam adquirido na psicologia experimental e na fisiologia? A resposta a estas sérias indagações só irão aparecer de modo mais preciso nas demais partes do curso. No segundo trimestre ela se inicia, porém, vigorosamente. Então, já o estudante passará da *lexiologia* à *sintaxe,* do discernimento dos elementos e de suas variações, ao discernimento das relações entre êsses elementos. Já agora, aparece o trabalho associado aos princípios da higiene e da patologia; a estatística irá apresentar os seus recursos próprios de aplicação à psicotécnica; e a teoria e a prática da orientação e da seleção começarão a tomar corpo, num primeiro estágio de convergência de tôdas as noções até então recebidas.

Mas, a princípio, os problemas serão ainda apresentados de forma geral. Os esquemas serão os mais singelos, os mais próprios ao entendimento fácil do estudo das capacidades humanas e de sua aplicação. Como em tôda a sintaxe, tende-se um pouco à geometria de três dimensões. Cria-se uma realidade um pouco artificial, para que se torne mais inteligível. Tudo parece muito simples! Pois não basta, para selecionar, estabelecer as indicações dos atributos necessários a uma atividade permanente qualquer, e pesquisar, por três ou quatro testes, se os indivíduos tais ou quais apresentam êsses atributos?...

A realidade, porém, é um pouquinho diversa das interpretações puramente lógicas, simples criação para comodidade de nosso espírito. As regras da gramática têm exceções. E já, então, no 3.º trimestre, a consideração dos casos particulares irá aparecer. De uma parte, serão as noções de psicopatologia e, até mesmo, as de uma psiquiatria menor, que se apresentarão para aplicação direta aos trabalhos de seleção e orientação. Não bastarão, no entanto, êsses elementos, a serem oferecidos, ainda por necessidade de método, sob a forma de esquemas gerais. Não. Atrás de tôda construção lógica, e que se faz lógica para que possa ser mais fàcilmente codificada, organizada, e, assim, suscetível de transmissão, atrás dessa trama ideal, há os casos reais: o caso preciso de João da Silva ou de Maria Benedita, autênticos, vivos e palpitantes. Em cada um, defrontamos uma personalidade inquieta, insegura de si mesma, ou de si

mesma segura demais; receosa ou ousada; tímida ou agressiva; submissa ou dominante, e, mais do que isso, em cada situação especial, com reações desconcertantes como a própria realidade de vida que representam...

O programa adapta, então, a teoria e a prática aos *casos-problema,* procurando demonstrar com isso, que, como na medicina, — onde não há figuras patológicas estereotipadas, mas doentes, — na prática psicotécnica não há, de uma parte, seleção, mas, homens vivos, reais, complexos, a selecionar; e, de outra parte, não há orientação, que se possa tornar automática, mas graves questões humanas a compreender e a reclamar auxílio em sua solução, que há de ser continuada e progressiva, ou, na frase de Mira, de aspecto crônico.

Daí, o recurso a noções de sociologia e economia, que aparecem, ainda nessa parte do curso, como instrumento de cultura geral, e para aplicação também às tarefas do psicologista especializado. O trabalho é um fato social; mais particularizadamente, é um fato econômico. Ainda que assim não fôsse, seria preciso não esquecer que o homem se apresenta sempre como uma síntese de capacidades biológicas em função de um ambiente social, ou de que resulta da interação de ambos.

Estarão os alunos, nessa altura, preparados para a parte final de sua formação. A psicotécnica aparece-lhe, então, como realidade menos simples, embora mais objetiva e mais atraente. Poderão discernir em suas tarefas os elementos vários e complexos, para a elaboração de sínteses e conselhos de orientação e seleção. Hão de dar atenção aos elementos reais dos resultados de exames e testes, de provas e números, para o que se imporá o conhecimento de normas de catalogação e arquivamento, ou da organização material e intelectual, dos serviços psicotécnicos.

É, sem dúvida, a parte mais delicada e mais difícil, e, por isso mesmo, a mais sedutora. O trabalho irá passar do estágio de simples verificação a labor de criação; de penetração segura dos dados objetivos, à expressão artística. Já não bastará a gramática, ou a geometria, será preciso também inteligência alerta, compreensão humana, simpatia humana, a sensibilidade mais apurada por dotes de formação moral, de senso de cooperação e de espírito de serviço. Em todo o trabalho de seleção e de orientação, há realmente êsse extraordinário encanto de uma obra que chamaríamos estética, e na qual será preciso compreender para melhor sentir, e de sentir para bem conduzir um destino que, em certos casos, podemos ter por inteiro nas mãos.

Assim como o médico clínico, à vista dos elementos semiológicos ou dos dados de laboratório, forma um diagnóstico, o psicologista também tenta fazê-lo. Deverá afirmá-lo em dados positivos, em noções de ciência, em esquemas que lhe orientem a atuação de modo seguro. Mas terá, como o médico, de elaborar, também um prognóstico, para que possa bem definir o seu conselho, síntese do que haja percebido no orientando; e, no qual, queira ou não o orientador, haverá de pôr muito também de sua compreensão íntima, de seu tato de condutor, de seu sentimento de educador. É que, em cada caso, o homem que se selecione ou se

oriente não é um meio, mas um fim em si mesmo. O orientador terá de cingir-se a normas de uma ética inflexível. Os deveres são aí imperativos, e tanto os da inteligência como os do sentimento.

É essa, enfim, a indicação final do programa, sob a denominação discreta de *critérios e planejamento de investigações psicotécnicas*. Se a atividade de orientar e selecionar há de basear-se na experiência, será à experiência mesma que havemos de pedir a validade, ou a certeza dos resultados, expressa em números, mas em números que representam benefícios de ordem individual e de ordem social.

Em cada caso concreto, baseamos-nos em interpretações, em teorias ou princípios explicativos dos fatos, senão, muitas vêzes, ainda, em meras hipóteses. Cada caso será uma confirmação da teoria, ou da hipótese; ou, ao contrário, recolherá dados que nos levem a se considerá-la, a emendá-la, a refazê-la de todo. Teorias e princípios valem por seus resultados. Pouco importará a beleza de uma construção teórica, se acaso não nos sirva aos fins de aplicação, com aquêle elevado sentido humano a que nos referimos. O planejamento de investigações psicotécnicas surge, portanto, como coroamento necessário, para servir ainda não só às atividades práticas do psicologista, mas também à sua direção geral de cultura.

Todo o curso, tão claro e tão bem articulado, como se acaba de ver, não estaria, realmente completo, sem que êsse capítulo final aparecesse, a fim de que viesse a despertar, nos futuros psicotécnicos, o espírito de método, de rigor científico e de progresso de seus próprios conhecimentos.

Mas será possível êsse rigor e êsse espírito de método, ou enfim, pode-se ter confiança nos fundamentos da psicologia, para a construção de tal organização técnica? ...

Aqui defrontamos o problema da psicologia como ciência, da validade de seus conceitos e de seu princípios e, afinal, da realidade em que possam ser aplicados. Já não estaremos agora no prefácio e no índice. Ou, melhor, teremos de discutir-lhes algumas afirmações, não diremos como *amigo da onça*, mas com aquêle destemor e malícia inocente, peculiar aos *advogados do diabo* ...

Uma técnica perfeita supõe a aplicação de princípios objetivos firmemente estabelecidos. A técnica visa rendimento certo, para o que se baseia em organização que lhe dê o máximo de rendimento. Com êsse objetivo, começa por tipificar a produção, em função da qual seleciona elementos e condições do trabalho; ou seja a matéria-prima e os métodos e processos de operação. Por definição, é um sistema que se basta a si mesmo, porque o programa de ação, que lhe é próprio, não considera outros fins senão os dêsse programa.

Podem constituir-se como técnicas perfeitas as que visem a produção material, ou aquêlas que, por sua própria natureza, elaborem material inanimado. O domínio das condições operatórias pode ser aí levado à maior expressão. *Técnicas simplesmente operatórias*, tal é a denominação que recebem, e com razão. Compreendem a produção industrial, as artes de construção, ou todos os variados ramos da engenharia.

Já o mesmo não se passa, porém, com atividades práticas que tenham por objeto a atuação sôbre sêres vivos. Neste caso, as aplicações do conhecimento objetivo não permitem técnicas operatórias perfeitas, em virtude da complexidade mesma dos fatos, sôbre cujo estudo se apóie, e, ainda mais, da natureza das realidades sôbre que venham a aplicar-se. Neste caso, as técnicas são de natureza *cooperativa,* e não simplesmente *operativa.* Isto é, o domínio das condições da operação não pode ser integral, nem a produção, rìgidamente tipificada. O que poderemos fazer será colaborar, ou proporcionar condições para que o desenvolvimento do ser vivo se venha a dar de forma tão equilibrada quanto possível, e na forma a mais harmônica quanto à ação de elementos que não chegamos a dominar.

Dentre destas técnicas *cooperativas* estão tôdas as formas de aplicação dos conhecimentos biológicos, — a medicina, por exemplo — e com maior razão, aquelas de aplicação dos conhecimentos psicológicos, ou todos os ramos da psicotécnica — na educação, no direito, na organização racional do trabalho, na seleção, na orientação, ou no que mais seja. Nessas aplicações, limites de ação operatória, a que nos proponhamos, a cada passo se impõem, e se tornam mais evidentes quando não destaquemos, por simples abstração, a técnica possível, ou em si mesma considerada, das realidades humanas e sociais a que possam ser aplicadas, e a que devam servir.

Então, os esquemas de ação operatória, ou dos meios, hão de subordinar-se a imperativos da compreensão da própria vida humana, e aos de sua realização em cada pessoa, como um ser que busque seus próprios fins, ou o seu próprio destino. Bem certo é que, em inúmeros casos, a consciência e a vontade dos fins não engendra, por si mesmas, o conhecimento dos meios no próprio indivíduo, que assim se veria frustrado em seus desígnios e em sua plena realização; e, ademais, a expressão dessa consciência e dessa vontade dependerão sempre das condições e dos quadros culturais do meio e da época.

Daí a legitimidade das técnicas humanas de ação cooperativa, sejam as de realização menos imperfeita, como a medicina, sejam as de realização limite, como a educação, nela incluída, se assim o quisermos, as da orientação profissional. E neste caso que a intervenção da psicologia pode ser útil. Ela nos permitirá a análise de realidades e possibilidades, e mais, também, a do próprio jôgo dos desejos de fins sociais e individuais, dos quadros de interação humana, e das possibilidades da ação técnica, nas suas formas mais complexas.

A observação da história dos estudos psicológicos e a sua evolução nos últimos decênios, é grandemente elucidativa a êste respeito. Não foi por simples acaso que a consideração dos problemas psicológicos mais se demorou no seio da filosofia, ou no plano de debate dos valôres humanos ou no dos princípios da ação. É a tal período, que a conhecida frase de Ebbinghaus se refere, quando notava que "a psicologia tem um longo passado, mas só uma breve história". O *passado* é o dessas cogitações em que os conceitos de valor empolgavam os conceitos de realidade. A

história é, a bem dizer, a dos poucos decênios dêste século, em que a observação objetiva e a experimentação passaram a misturar-se, nos estudos da especialidade.

Tal mudança deveria produzir a princípio verdadeira distorsão dos estudos, ou fragmentação de seus resultados. Num livrinho, que fêz época, Kostyleff o salientou, proclamando, por volta de 1910, que a psicologia experimental estava em falência. Escreveu êle: "Tanto mais se avança na psicologia experimental, tanto mais incerta se torna a sua marcha. As experiências permanecem fragmentárias, separadas, seja por imprecisão dos objetivos, seja por não apresentarem unidade de sucessão." E tinha boa parte de razão.

A psicologia, que já vinha sendo o cenário da criação de múltiplas doutrinas, devia passar a ser, em seguida, o da extensão e proliferação de múltiplas escolas em conflito: personalistas, gestaltistas, personalistas, behavioristas estremados, bahavioristas mitigados, hormicistas, psicanalistas dos mais diversos princípios, inclusive experimentais. A diversidade de idéias, de técnicas e de resultados era tão grande que, convidado a definir, uma vez, os domínios de sua própria especialidade, essa grande e serena figura de investigador, que foi Catell, e que então presidia a Associação de Psicologia dos Estados Unidos, não teve a menor dúvida em responder: "Psicologia?... Bem, só vejo um meio de defini-la: psicologia é aquilo que os psicologistas fazem...". E Grace Adans, indo mais longe, lançou uma obra que teve larga repercussão, e cujo título é êste: "Psicologia: ciência ou superstição?..." O Departamento de Psicologia da Universidade de Clark publicou uma série de livros com êstes nomes: *Psicologias* (no plural) *de 1925; Psicologias* (no plural) *de 1930,* para que ficasse bem marcada a disparidade das diversas correntes.

Edna Heidbreder intenta em 1933 uma síntese; mas tem de haver-se, ainda assim, com várias delas, como o título de seu livro indica: *Seven psychologies* ... Ainda alguns anos depois, Fred Keller tentando simplesmente comparar as definições da psicologia, necessitou, para isso, nada menos do que 110 páginas impressas em tipo miúdo... Walter Hunter, um pouco aborrecido com tais lutas, lembra que conviria se adotasse nova denominação para os estudos psicológicos realmente objetivos; e propôs, sem êxito, aliás, o nome de *antroponomia.*

Se êsse ambiente de mútuas divergências e críticas tivesse de perdurar por mais tempo, como nêle fundar uma técnica, que, por definição, pressupõe conhecimentos certos e objetivos, teorias e princípios, que sirvam à ação, e que, nas realizações práticas, encontrem comprovação?... Como?...

Foram neste caso os psicotécnicos, ou os cultores da psicologia aplicada, que, premidos pelos problemas reais, concorreram, sem o desejo de o fazer, talvez, para a maior harmonização de todos êsses pontos de vista, apurando técnicas, confrontando resultados, definindo conceitos. Se objetivos existiam, seria necessário procurar-lhes os meios de realização; os fins não se atingem sem modificações da realidade objetiva; e seriam

essas modificações rigorosamente descritas, que viriam a constituir realmente a ciência. A superioridade do trabalho científico é justamente essa: a de encontrar acôrdo substancial de realidades, não, simplesmente, o acôrdo formal de doutrinas.

De fato, foi também depois de 1910 que os primeiros e mais amplos trabalhos de aplicação psicológica começaram a ser realizados. Para isso, haveriam de concorrer os trabalhos de psicologia diferencial, ou da análise dos níveis do desenvolvimento mental e do diagnóstico de capacidade e aptidões. Mas não seriam apenas os instrumentos para essa análise que iriam influir na proposição de problemas, com maior sentido de unidade. Sustentando-a, existia uma ampla hipótese de trabalho, e que era a da compreensão evolutiva, ou genética — a concepção do desenvolvimento — que viria dar fundamento às múltiplas aplicações da educação.

Indicada já em Rousseau, ela se vem documentando nos estudos da psicologia da infância e da adolescência.

E, logo após, a hipótese do ajustamento, largamente desenvolvida pelos estudos de psicologia social, viria dar mais completa inteligência, não só à influência dos fatôres biológicos, como crescimento e a maturação, mas ainda e também aos de interação humana, ou dos quadros culturais — fonte original, na verdade, das primeiras reflexões de cunho psicológico.

Seja como fôr, o esfôrço dos trabalhadores da psicologia aplicada concorreu, e está concorrendo, para imprimir feição de objetividade e maior espírito de unidade aos estudos, de tal forma que êles se tornam sistemáticos, e, assim, susceptíveis, a cada dia, de maiores e de melhores atividades de aplicação.

Ao invés da pugna verbal, de há ainda vinte ou quinze anos, podem-se ler agora trechos como êste, de Brown, em obra de síntese publicada muito recentemente: "Até há pouco, a psicologia vinha sendo um conglomerado heterogêneo de escolas e sistemas, mais que corpo científico. A prática nos estudos era a de um homem, ou um grupo de homens, que tivessem adotado um especial modo de ver, e o aplicassem a um setor, mais ou menos limitado, nos fatos do comportamento humano. Tais escolas ou sistemas contendiam a respeito do que fôsse o método adequado para as investigações psicológicas, e, em conseqüência, em relação aos próprios problemas de aplicação. Não havia nem mesmo concordância sôbre o que constituísse o objeto da psicologia, ou suas realidades de estudo. O estudante que tomasse um livro de Wertheimer, no início do gestaltismo, ou a forma original do behaviorismo de Watson, ou a psicanálise de Freud — dificilmente poderia acreditar que tratassem êles de um único e só ramo de estudos. Hoje, entretanto, há da parte dos continuadores dêsses mesmos estudos, em qualquer escola, considerável acôrdo sôbre o métdo e o campo de investigação. Com efeito, os behavioristas tratam dos problemas da motivação inconsciente, e reconhecem os fatôres que os psicanalistas apresentaram como de seu particular objeto de estudos. Da mesma forma, os gestaltistas e os psicanalistas têm sido for-

çados a submeter seus problemas às mais rigorosas formas de metodologia científica, que foi a principal e positiva contribuição da revolta behaviorista contra a psicologia introspectiva tradicional. Lewin, destacado expoente da *gestalt,* afirma que a psicologia atual está em condições de progredir, além das escolas, através de acôrdo básico no que, realmente, constitue a sua metodologia. Por sua vez, Hull, figura representativa do moderno behaviorismo, mostra, em seus mais recentes escritos, que os princípios básicos do comportamento não se opõem a essa integração de pontos de vista. E, finalmente, há crescente tendência entre os psicanalistas para que submetam suas doutrinas ao exame crítico da metodologia científica, e, de tal forma, que os problemas por ela tratados, venham a tornar-se, simplesmente, um capítulo da psicologia geral."

A opinião que transcrevemos de Brown é corroborada, aliás, por grande número de outros especialistas, como a do professor Philip, da Fordham University, que escreve: "As pesquisas psicológicas inspiradas pelos teoristas, não estão mais confirmadas no estreito estilo que caracterizavam as antigas escolas da psicologia. A moderna psicologia tende a tornar-se cada vez mais eclética, e os representantes de qualquer sistema esforçam-se por incorporar-lhe os fatos experimentais, venham de onde vierem."

No mesmo sentido de unidade, Geoch, Pratt, Stevens e outros, propõem o uso dos *conceitos operacionais,* para que se estabeleça campo unívoco de estudos. De modo geral, êste ponto de vista considera os conceitos não como referentes a entidades, sejam elas da observação sensível ou não, mas apenas as operações de que os conceitos tenham derivado. Isto é, a própria investigação deverá procurar atender aos fatos, como operações, ou situações de rendimento, objetivamente observados e verificados.

Ainda aquí, releva notar, êsse desejo vem sendo realizado pelos cultores da psicologia aplicada, pois que, de outra forma, não seria possível a própria idéia de aplicação. Dessa forma, a experimentação, por seus resultados práticos, reflui sôbre o campo da teoria, ou estabelece com ela fecunda interação.

Convenhamos, também, que os conceitos operacionais não excluem a observação clínica, ou outros processos, quando atendam aos seus propósitos básicos; dêstes, valem-se também os psicotécnicos, a fim de que não se tenha de dar razão a Murray, quando diz que a psicologia tem estado sempre em face de um dilema: "estudar, mesmo por métodos menos perfeitos, *importantes problemas da vida humana,* ou estudar por métodos perfeitos, apenas aquêles problemas que carecem de importância".

E, desde que os cultores da psicologia resolvam êsse dilema, nenhum temor deverá haver quanto à legitimidade e utilidade das aplicações, as quais se apresentarão, dessa forma, como fonte de revisão e de retificação do próprio pensamento conceitual, ou como fonte de novas e fecundas hipóteses.

Escrevendo nesta mesma ordem de idéias, embora sôbre o problema particular da orientação profissional, o nosso ilustre mestre, Professor

Mira, diz o seguinte: "Ao afirmar que a orientação profissional é uma atuação, deve-se admitir que se trate de processo essencialmente dinâmico e não de pura especulação; ao afirmar que é científica, devem-se excluir dela os intentos realizados, em diversos lugares e épocas, para resolver de modo mais ou menos mágico e divinatório qual deva ser o caminho profissional dos adolescentes; ao assinalar que é complexa e persistente, quero dizer que não se baseia em determinada disciplina, senão que reclama o consenso e a síntese de muitas e variadas técnicas científicas; e que, enfim, não pode alcançar a sua finalidade em breve tempo, requerendo, pelo contrário, longo prazo de observação e experimentação, para a formulação de seus juízos."

Não se poderia dizer melhor do problema da orientação, em si, como de numerosos outros problemas de aplicação. E é nêsse critério, ou com essa superior direção, que se organizou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas, o ISOP, cujo primeiro curso agora se inaugura.

Como velho estudante dêstes assuntos, devo afirmar que dela se deverão esperar os melhores resultados, quer na preparação de técnicos especializados, quer ainda na evolução dos estudos da psicologia em nosso país, senão em tôda esta parte do continente.

É com especial satisfação que devemos assinalar, com efeito, a presença neste curso de vários bolsistas de países latino-americanos, e que aqui vêm estudar e praticar no ISOP, para maior desenvolvimento de centros análogos em suas pátrias. A êsses bolsistas, como a todos os demais alunos inscritos, saudamos muito cordialmente, desejando-lhes os melhores resultados nos estudos.

Certo será que todos quantos iniciam seus trabalhos, nesta hora, terão meditado sôbre as suas atividades futuras. Elas são belas, atraentes, das mais interessantes mesmo de tôdas quantas um psicotécnico possa realizar. A seleção interessa à produção e ao rendimento das emprêsas, mas subentende, para que êsse objetivo seja pleno e continuadamente alcançado, a personalidade do trabalhador. A orientação, a boa orientação, é realizada no sentido mesmo de que se facilite a expansão e o melhor ajustamento de cada jovem.

Os problemas rigorosamente técnicos, não se separam, assim, do lado humano, da compreensão, da solidariedade e da harmonia social. No psicotécnico, há de existir êsse espírito, servido por incessante desejo de aperfeiçoamento de sua própria cultura, de boa compreensão das questões sociais, de curiosidade natural pelo desenvolvimento científico e de deliberada atitude em prol de seu próprio ajustamento. O orientador deverá ter uma rica personalidade servida por aguda intuição, a fim de que possa julgar de outras personalidades, condição preliminar, que pede Allport, por exemplo, para êsse estudo, máxime quando se intentam os recursos de métodos *projetivos.*

E, no correr do curso, convirá lembrar sempre o dístico *Medice, cura te ipsum,* ou aplicando *el cuento, Orientador, orienta-te a ti mesmo.*

Ao prosseguir seus estudos, analise-se o candidato à orientação, orientando-se. Verifique se, realmente, a natureza dos estudos se casa com as suas capacidades, e se será possível desenvolvê-las; verifique os seus próprios sentimentos de frustração; examine-se, tão objetivamente quanto possível, com o auxílio das próprias técnicas que aprende, e a observação dos professôres.

E se acaso não fôr êsse o seu caminho de eleição; se acaso sentir que a êle não se adapta, por êste ou aquêle motivo, aja, então, com o mesmo rigor científico e a mesma compreensão humana com que agiria em face de pessoas estranhas que tivesse um dia de orientar, isto é, com íntima convicção e profunda sinceridade de quem sabe que joga com um destino. E, na hipótese, não será apenas o destino de uma pessoa, mas o destino de muitas...

"Nem todos os caminhos servem a todos os caminhantes", escreveu Goethe. Nem todos os caminhos, não são para os outros, mas, também, para cada um de nós.

Você acredita em reformas administrativas? Ou você acha que há reformas e reformas?

Em **Laboratório de Sensibilidade** de Fela Moscovici, editado pela Fundação Getúlio Vargas, o problema é analisado exaustivamente. As reformas, segundo a autora, não passam de novos arranjos de estruturas e relações, enquanto o laboratório de sensibilidade, amplamente testado nos Estados Unidos, opera dinâmica e profunda mudança na administração.

REVUE DE PSYCHOLOGIE APPLIQUÉE

Publicação Trimestral

Diretores: Pr. P. PICHOT e P. RENNES

Essa Revista é destinada tanto aos clínicos (psicólogos ou psiquiatras) como aos psicotécnicos (orientadores, psicólogos profissionais). Duas seções orientam-se para a aplicação: — **Técnicas e métodos da psicologia das profissões e Técnicas e métodos da psicologia clínica.** As referidas seções têm por finalidade expor sob uma forma precisa e concreta as técnicas fundamentais, esclarecer pontos duvidosos, apresentar, mesmo sob forma de **memorandum,** os métodos práticos de conduta nas aplicações; são suplementadas pelas revistas gerais, que permitem focalizar o alvo das pesquisas nos domínios que interessam diretamente à aplicação. Sob o título **Travaux originaux,** têm lugar os estudos de ordem geral.

As outras seções, **Chroniques et Documentation** e **Analyses,** fornecem, tanto no plano técnico como no profissional, um quadro da vida cotidiana em psicologia aplicada.

●

Redação e administração:

Editions du Centre de Psychologie Appliquée

48 Avenue Victor Hugo — Paris — 16.e — France

●

Preço: Assinatura anual: França: 20 F. — Exterior, 24 F.

Número atrasado ou avulso, a pedido, a preço especial.